

PAULA RAPOSO ESTEVES

Autora de Faz Favor de Ser Feliz

A NOIVA
DO
MÉDIO
ORIENTE

Um romance onde o amor
não tem fronteiras



FAROL

1



Nas Águas Silenciosas do Mar Vermelho

Jordânia, Aeroporto Internacional Rei Hussein, em Aqaba.
Primeiro dia de um novo começo.

Carolina seguia com alguma dificuldade o grupo de passageiros que acabara de descer do avião, procurando não ficar demasiado para trás. Passava pelos sinais indicadores da saída e da recolha de bagagem com indiferença, confiando apenas na orientação das pessoas que seguiam mais à frente. O seu cérebro, em consonância com o cansaço geral sentido pelo restante corpo, recusava-se a qualquer esforço adicional. O desalento dominava-a. Tratava-se de um desânimo pestilento que a acompanhava havia meses e que, ao acentuar-lhe a fadiga, a conduzia a um estado de letargia mental muito pouco conveniente para quem viaja sozinha.

As inscrições em árabe, espalhadas pelos corredores do aeroporto, fizeram-na reagir. Encheu o peito de ar e ergueu a cabeça

com determinação como se o gesto lhe assegurasse a coragem necessária para enfrentar a nova etapa de vida que estava prestes a iniciar. Para trás, ficavam tempos conflituosos carregados de desespero. Não, não queria pensar nos dias depressivos que vivera nem na traição que lhe consumira o amor-próprio e lhe cravara o coração de cicatrizes. Sabia que tinha de passar pela experiência dessa dor para a poder superar. No entanto, era um sofrimento demasiado forte para a sua ainda convalescente estabilidade emocional. Foi precisamente para ganhar forças e poder fazer o luto desse desencanto afetivo que Carolina aceitara vir para a Jordânia durante um ano como técnica supervisora de conservação e restauro de arte antiga. A excelente remuneração afugentou quaisquer outras dúvidas que se poderiam sobrepor.

Enquanto aguardava pelas malas junto ao tapete rolante, não conseguiu deixar de reparar numa senhora de meia-idade que, a seu lado e com extrema ligeireza, puxava do lenço de seda que lhe compunha o decote e o colocava sobre a cabeça, amarrando-o com um nó por baixo do queixo. Mais à frente, outras duas mulheres mais jovens faziam o mesmo e de forma perfeitamente maquinal, entretendo-se depois a entalar meticulosamente o cabelo sob os lenços. O gesto reproduziu-se outras tantas vezes e sempre sob o olhar complacente das restantes mulheres árabes que envergavam vestes compridas e com a cabeça coberta desde o início. Carolina observou mais atentamente o primeiro grupo de mulheres. Todas elas possuíam roupas que não identificariam a sua religião em nenhuma parte do mundo. Por cima das calças usavam camisas coloridas, que caíam soltas quase até meio das coxas, embora, como expetável, não apresentassem os braços desnudados nem roupa justa que lhes revelasse o contorno da silhueta.

Provavelmente terão uma mentalidade mais aberta em termos religiosos e quando chegam de viagem ao seu país cobrem a cabeça para não ficarem malvistas ou serem recriminadas. Com certeza que não veneram menos Alá por andarem sem véu no estrangeiro, refletiu

Carolina enquanto examinava rapidamente a indumentária dos homens que as acompanhavam.

Usavam calças e camisas, vestuário tradicionalmente comum no universo masculino, e apenas a cor negra dos cabelos ou o tom mais moreno da pele poderiam fazer supor que se tratariam de muçulmanos. Os que trajavam vestes longas eram maioritariamente mais idosos, mas não constituía regra.

Vestiriam desse modo apenas por serem mais conservadores?, pensou.

Nunca havia estado num país árabe, e todos estes detalhes insignificantes prendiam a atenção de Carolina fermentando-lhe a curiosidade. Sentia-se cada vez mais ansiosa por desvendar os mistérios de uma civilização tão diferente, num país onde a ponte para o Ocidente se faz de forma reconhecidamente mais branda e permissiva.

Logo à saída do aeroporto, um homem alto e entroncado exibia pacientemente um cartaz no qual, em maiúsculas garrafais, se lia o apelido de Carolina e de mais alguns passageiros. Visivelmente satisfeita acenou, dando-lhe a entender a sua identidade. A partir desse momento, não mais precisaria de se preocupar com nada, deixando tudo ao cuidado do guia local contratado pela agência. Agora podia dar finalmente descanso à sua mente, permitindo-se saborear todas as particularidades que esta viagem representava.

Antes de entrar no miniautocarro que a conduziria ao hotel, parou por uns segundos. Queria sentir aquela terra desconhecida que a acolhia, e a brisa quente que soprava do deserto não se fez rogada, despenteando-lhe os cabelos como se lhe desse as boas-vindas. Sorridente e agradecida, levantou o rosto na direção do vento e procurou detetar a mescla de odores estranhos que ele carregava. Inspirou profundamente e teve a percepção de que a sua estadia naquele país seria uma experiência enriquecedora e inolvidável.

Já dentro do autocarro, o sujeito alto e entroncado, utilizando um inglês fluente e quase sem sotaque, apresentou-se:

— Olá. O meu nome é Hakim al-Habib. Sou o vosso guia. Sejam todos bem-vindos à Jordânia. Agora, gostaria que me dessem atenção, por favor.

Carolina olhou em redor. O pequeno autocarro não ia cheio, para além de si apenas quatro casais compunham o grupo de turistas, não parecendo nenhum deles particularmente interessado no discurso de boas-vindas do guia. Ouvia-o distraída não deixando, entretanto, de reparar no seu porte atlético. O polo que vestia deixava transparecer uns ombros largos em consonância com uns músculos peitorais bem definidos. Possuía o cabelo preto, muito curto com uma barba reduzida e bem aparada. Enquanto falava, procurava prender a atenção das pessoas, fixando-as mais demoradamente com o olhar. Fazia-o sem intenção, motivado apenas pelo brio profissional, assegurando-se de que a sua informação passaria de forma clara e aliciante. Porém, quase nunca as atitudes são interpretadas pelos seus propósitos genuínos, levando muitas vezes a equívocos e embaraços desnecessários.

Não tira os olhos de mim, concluía Carolina incomodada enquanto desviava o olhar para a paisagem para além do vidro. *Será que ele está a insinuar-se? Pois veio bater à porta errada. Pensará ele que por viajar sozinha vou cair nos braços do primeiro homem que tenta seduzir-me? Está muito enganado! Os homens são todos iguais!*

Fez um esforço para evitar cruzar o olhar com o do guia, mantendo a sua atenção presa nos relevos contorcidos das montanhas que se erguiam de um lado e do outro da estrada.

Hakim al-Habib era demasiado atraente para ser ignorado, e o seu olhar penetrante fizera vacilar o precário equilíbrio emocional de Carolina. Ainda a recuperar de uma violenta decepção amorosa, interpretava o mais inocente olhar como se o de um predador se tratasse. Distorcia inconscientemente a realidade de forma a fugir da dor que poderia resultar da eventual

aproximação de um homem. Catalogava-os todos no mesmo grupo: o dos hipócritas e não fiáveis. Sentia-se vulnerável, não desejando nenhum tipo de relacionamento, sobretudo com os mais sedutores, que são, sem dúvida, os mais difíceis de resistir.

— Estamos quase a chegar — anunciava a voz do guia.

Depois de terem contornado a agressividade rochosa das montanhas, a cidade de Aqaba desenhava-se em baixo, junto às águas tranquilas do Mar Vermelho. As casas formavam uma língua de pequenos salpicos brancos e beges, entalada entre o castanho árido das montanhas a este e o azul profundamente escuro do mar a oeste. A cobrir o quadro, estendia-se o azul-celeste, extremamente claro e sem que uma única nuvem o manchasse. Parecia que o Mar Vermelho, viajando para norte desde o oceano Índico, havia ficado entalado entre as montanhas do continente africano e da Península Arábica. Depois, teria embatido na península do Sinai, dividindo-se em dois pequenos ramos, o canal do Suez a ocidente e o golfo de Aqaba a oriente. Por isso, as águas mornas do Mar Vermelho vinham desfalecer ali, às portas da cidade de Aqaba, sem terem o infinito do horizonte para se espriarem. Carolina nunca tinha visto um mar assim, prisioneiro das montanhas, domesticado e sem ondas coléricas a atestar a sua personalidade.

Chegaram ao hotel. Hakim al-Habib, solícito como lhe competia, postou-se junto à saída do autocarro, estendendo a sua mão para ajudar a descer os turistas. Carolina, que havia ficado para o fim, recusou intencionalmente tocar-lhe na mão, ao mesmo tempo que se esforçava para não cruzar o olhar com o dele. Não queria dar-lhe confiança, justificava-se. Por isso, entregou-se à apreciação do hotel, um edifício de construção moderna que se erguia imponente e convidativo, mesmo sobranceiro ao mar.

Já no *lobby*, enquanto aguardava pelo *check-in*, não resistiu a inspecionar as particularidades da decoração, um misto entre a comodidade contemporânea e o requinte do Médio Oriente. Aproximou-se de um enorme painel, seguramente com mais de

3 metros de altura, onde um árabe de túnica clara montava um camelo no deserto. Apesar de o seu rosto estar parcialmente coberto pela *kufiya*, o lenço que se prende com uma tira em volta da cabeça, poderia jurar que se tratava do famoso Lawrence da Arábia, no filme épico que havia sido rodado no deserto de Wadi Rum, na Jordânia. O tom vermelho ocre das franjas e os pendentivos decorativos da sela do camelo realçavam de sobremaneira na placidez do céu do fundo do quadro. Que pintura magnífica!

Satisfeita com o que encontrava, continuou a passear até às paredes vidradas da entrada do hotel, onde admirou as plantas exuberantes que cresciam lá fora, nos vasos e canteiros do jardim. Entretanto, o que viu fê-la sustar a respiração de espanto. O mais disfarçadamente possível, escondeu-se atrás de uma das colunas do *lobby* e, curiosa, continuou a espreitar. Um pouco mais afastado do alpendre da entrada, o guia gesticulava enfurecido com um árabe mais velho e de túnica negra. Chegava mesmo a puxar-lhe pelos colarinhos como se o estivesse a ameaçar. Carolina não gostou do aspeto desse homem, tinha cara de vilão e o sobrolho demasiado carregado escondia-lhe os olhos. À volta dos lábios, afundavam-se rugas que exprimiam fúria e desdém. Depois de ambos terem olhado em redor, como se suspeitassem que poderiam ser observados, Hakim entregou discretamente um pequeno mas massudo envelope ao indivíduo mal-encarado. Carolina sentiu um calafrio a percorrer-lhe as costas. O que se passaria entre os dois? Que tipo de negócios obscuros teria ele com aquele sujeito detentor de um semblante tão pouco fiável? O que quer que fosse não era da sua conta e rapidamente se esforçou por esquecer o incidente.

Como a tarde ainda há pouco principiara, o guia havia sugerido ao grupo ir até à praia depois que tivesse terminado de se acomodar nos quartos. O almoço no avião não havia sido farto e quem quisesse poderia encomendar um *snack* no bar da piscina, que era o mesmo que servia a praia.

Carolina esticou os braços num gesto indolente não se incomodando com a preguiça que tão previsivelmente se havia apoderado de si. Deitada na marquesa a escassos metros onde o mar roçava monotonamente na areia, afugentou o pensamento de Lisboa, da família e dos problemas que a distância também estava incumbida de minimizar. Sentiu o prazer do sol quente do fim de maio a envolver-lhe a pele e esforçou-se por confundir bem-estar com felicidade. Queria fingir, nem que fosse por uns momentos, que se sentia feliz. Acreditar que os problemas, que tão decididamente se esforçara por deixar para trás, se resolveriam por si próprios, à custa do tempo e da distância. Queria sobretudo fugir deles para não sentir a dor que lhes estava associada. Queria certamente viver na ilusão de uma redoma que a conseguisse proteger de todo o mal e dor do mundo.

Oh, se ao menos eu conseguisse esquecer, apagar... Seria como se nunca tivesse acontecido.

Subitamente, como se tivesse pressentido algo ali perto, apoiou os cotovelos na marquesa e olhou à sua volta. De um dos lados, quatro meninos entre os 7 e os 9 anos acotovelavam-se entre si para ver quem ficava mais próximo de Carolina. Miravam-na de uma ponta à outra, com os olhos esbugalhados. Do lado do mar, aproximaram-se mais três rapazolas já adolescentes. Um deles apanhava uma bola que intencionalmente teria ido parar aos pés de Carolina. Olhavam com curiosidade para o seu corpo sem disfarçarem os sorrisos maliciosos e sem qualquer constrangimento pela proximidade exagerada.

Surpreendida pela situação invulgar, perguntou-lhes num tom de voz firme:

— O que querem?

Talvez não percebam inglês, concluiu, enquanto gesticulava com os braços para que eles se afastassem. Atrapalhada, sentou-se, fazendo tenções de se vestir e regressar ao quarto.

Entretanto, atrás de si, uma voz autoritária admoestou-os em árabe, fazendo com que os miúdos se afastassem e fossem brincar com a bola para longe dali:

— Salvei-a de uma situação embaraçante, não?

— Sim, sem dúvida — anuiu Carolina enquanto, com um sorriso agradecido, se virava para o dono da voz.

Hakim aproximou-se e sentou-se numa das marquesas contíguas. Estava vestido e usava uns óculos de sol escuros semelhantes aos do Tom Cruise no filme *Top Gun*.

— Desculpe-os, eram sobretudo crianças. Espero que não tenha ficado mal impressionada.

— Não, de todo. A princípio, convenci-me de que havia algo errado com o meu biquíni, mas depois certifiquei-me e estava tudo bem. É habitual as crianças daqui ficarem a olhar descaradamente para as turistas na praia?

— Nem por isso. Felizmente, a Jordânia é dos países muçulmanos mais permissivos no que respeita a liberdade religiosa. No mundo árabe, são as nossas mulheres que, em termos de vestuário, se encontram mais ocidentalizadas.

— Sim, eu sei. Nas revistas do *jet set* internacional a vossa rainha Rania, que é uma mulher muito bonita, aparece sempre elegantemente vestida com roupas ocidentais.

— Sim, é verdade. Toda a família real faz um esforço para romper com as imposições mais retrógradas e que impedem o país de evoluir. Como somos um país livre, aqui cada mulher veste o que entende. Um cobrem a cabeça, outras, não. Como guia turístico, sei que a maioria dos estrangeiros faz muita confusão com os diferentes tipos de véus muçulmanos. Eu explico-lhe.

» Começo pela burca, aquele véu muito criticado por cobrir integralmente toda a cabeça incluindo a cara, e que possui unicamente uma espécie de rede em frente aos olhos. Acontece que a burca não é muito comum na Jordânia, sendo usada principalmente por algumas estrangeiras muçulmanas que aqui possam

estar a viver ou a fazer turismo. Depois, existe o nicabe, que é também muito conservador. Neste caso, as mulheres usam um tipo de véu que lhes tapa a cabeça e que tem uma cobertura sobre o rosto, com uns atilhos atrás, deixando apenas uma abertura para os olhos. Algumas ainda usam o chador, que é um manto muito comprido sobre a cabeça e que cai sobre o corpo quase todo, escondendo tudo menos a cara. Muitas jordanas usam apenas o hijabe, que é um termo mais conhecido no ocidente para aquele simples lenço amarrado na cabeça e que varia imenso de acordo com a moda e o gosto pessoal. O hijabe cobre apenas a cabeça e o pescoço, deixando todo o rosto à mostra. Outras mulheres há que usam simplesmente vestidos longos e de manga comprida, sem nada sobre a cabeça. Asseguro-lhe que cada vez mais as jordanas se vestem à ocidental, mesmo quando saem à rua, esforçando-se, apesar de tudo, para não agredirem a moral e os preceitos do profeta não usando roupa muito justa ou provocante.

— Nem se despem na praia para usarem apenas o biquíni — acrescentou Carolina com um sorriso compreensivo.

— Não significa que não o possam fazer, mas, regra geral, optam por locais recatados onde se sintam mais à vontade. É muito comum irem para as praias e piscinas privativas dos hotéis.

O rosto de Carolina mostrava-se surpreso quando retorquiui:

— Mas mesmo numa praia privativa como esta, há sempre o risco de se ser assediada, como há pouco, por um bando de miúdos...

— Sabe, este hotel em Aqaba é bastante famoso e procurado por muitos estrangeiros, não só ocidentais, mas sobretudo de outros países árabes. Garantidamente, os garotos que a incomodaram não são jordanos e, possivelmente, os mais pequenos nunca terão visto uma mulher despida com um fato de banho ocidental.

Hakim al-Habib parecia muito à vontade no diálogo. O corpo inclinado para a frente, os cotovelos apoiados nas coxas, enquanto as mãos se mantinham entrelaçadas uma na outra. De vez em quando abria-as, virando as palmas para cima, pretendendo inconscientemente justificar a veracidade das suas afirmações. Carolina, apesar de tudo, sentia-se bem a conversar com o guia. A presença dele era agradável e transmitia-lhe segurança. O facto de o diálogo ser em inglês e de, por vezes, haver um vocábulo que teimava em não vir à memória, ou uma frase gramaticalmente menos correta, não parecia incomodar nenhum dos dois.

— Olhe para ali, junto ao mar. Aquela mulher traz vestido um fato de banho muito típico entre as islamitas. Há quem lhe chame burquíni, uma combinação entre burca e biquíni, que só deixa ficar de fora a cara, as mãos e os pés.

A mulher era ainda jovem. Usava umas calças compridas de corte direito e uma túnica de manga comprida caída até meio das coxas. A túnica possuía gola alta e um capuz justo a cobrir a cabeça, deixando apenas o oval da face de fora. Tratava-se de um tecido azul do mesmo material dos fatos de banho comuns no Ocidente, com pequenos motivos estampados. A mulher entrou na água e descontraidamente tomou o seu banho.

Entretanto, Hakim aproximou-se um pouco mais de Carolina e, após ter tirado os óculos, prendeu-lhe a atenção com o seu olhar, fixo e direto. Ela estremeceu. Ele percebeu e principiou por dizer num tom mais baixo:

— Já percebi que viaja sozinha, não é? Como guia e responsável por este grupo, quero avisá-la de que, apesar de este ser um país pacífico, os tempos são conturbados e existem muitos indivíduos com ideias radicais, terroristas, ou o que lhes quiser chamar, dentro das nossas fronteiras. Por favor, esforce-se por não chamar a atenção. Uma mulher estrangeira bonita e atraente, como é a Carolina, a viajar só, torna-se vulnerável. Um alvo demasiado fácil. Há coisas muito desagradáveis sobre as quais

não posso falar ainda assim, peço-lhe para seguir o meu conselho — a voz tornara-se ainda mais sumida, quase como um sussurro, e os olhos continuavam presos nos dela:

— Está-me a assustar — murmurou ela, virando-se para ele e pousando os pés na areia. O sorriso havia desaparecido e foi com um semblante preocupado que confidenciou:

— Sabe, eu não estou propriamente em férias. Aceitei, aqui na Jordânia, um cargo de chefia para recuperar obras de arte, sobretudo pinturas murais. Estou também incumbida de dar umas conferências e uns cursos sobre o tema. Para tornar o cargo mais aliciante, ofereceram-me algumas estadias em zonas de interesse turístico, como é o caso de Aqaba, sempre em datas à minha escolha. Cheguei hoje e ficarei neste país por um período mínimo de um ano. Vou ter de aprender a viver sozinha, não lhe parece?

— Sim, claro, e não quero de modo nenhum que sinta medo. Há, no entanto, coisas que não a aconselho a fazer sozinha, como sair à noite, por exemplo. De resto, estarei ao seu dispor sempre que precisar de mim. Não hesite em ligar-me — afirmou, tentando convencê-la com o olhar da veracidade das suas palavras. Simultaneamente, apertou as mãos dela entre as suas, esforçando-se por a deixar mais tranquila.

Carolina não estava habituada a defender-se por si própria e, no entanto, a vida parecia sugerir-lhe precisamente isso. Por outro lado, a proximidade física do guia, ao contrário de a sossegar, deixava-a ainda mais temerosa e insegura. Eram os joelhos dele que lhe roçavam nos seus, depois as mãos que lhe envolviam as suas. Era, sobretudo, aquele olhar intenso que penetrava dentro de si e que aparentava arrancar-lhe todos os seus segredos. Era, seguramente, demasiada intromissão para quem não conseguira recuperar ainda a confiança no sexo oposto. Por conseguinte, baixou educadamente o olhar e, desprendendo as suas mãos das dele, levantou-se para se vestir.

Nesse preciso momento, o telemóvel de Hakim al-Habib tocou. Após uma breve troca de palavras e de ter consultado o relógio, desligou visivelmente satisfeito. Virou-se para Carolina e anunciou:

— Consegui o barco! Os outros casais de turistas que fazem parte do seu grupo estão muito interessados em fazer *snorkeling*. Eu prometi-lhes que ia tentar arranjar um barco ainda hoje. Está um no cais aqui perto do hotel com tripulação e pronto para zarpar. Vamos até uma zona de corais sensivelmente a meia hora de distância do porto. Venha também, estou certo de que vai adorar. Estaremos de volta a tempo de se prepararem para o jantar.

Uma ligeira brisa soprava de sul ou talvez fosse apenas a velocidade a que o barco se deslocava que lhe fazia esvoaçar os cabelos e obrigava Carolina a enterrar o chapéu na cabeça. Viajavam no que teria sido, muito provavelmente, um antigo barco de pesca adaptado nos anos mais recentes ao turismo. O convés havia sido coberto com um toldo e, de cada lado, junto às amuradas, estendiam-se assentos compridos e almofadados com cores já desmaiadas pela agressão direta do sol e do sal.

Um dos turistas interpelou Hakim, berrando num esforço para que a sua voz sobressaísse por entre o roncar do motor. Apontava freneticamente para umas fragatas cinzentas ao largo daquela enseada, onde o Mar Vermelho, há milhões de anos, decidira terminar abruptamente.

— Ali, são barcos de guerra, não são? Ainda são bastantes. De que nacionalidades serão?

O guia assentiu discretamente com a cabeça enquanto respondia de forma lacónica:

— Não sei, só com binóculos é que se conseguirá ver a bandeira do país.

— Mas com certeza que aqui no barco deve haver uns binóculos — insistiu, virando-se para um dos tripulantes.

— Desfrute o passeio e não ligue às fragatas. Decerto que conseguirá adivinhar a quem pertencem, pois a maioria das potências internacionais não se afasta muito das zonas quentes do globo.

— E os binóculos? — tornou teimosamente o turista.

— Não ponha em cheque o comandante do nosso barco. Um turista a inspecionar com binóculos um barco de guerra? Por favor, divirta-se com o passeio e não nos ponha em risco. Todos nós vivemos as nossas vidas sem sobressaltos, desde que não nos imiscuamos nos assuntos uns dos outros.

Hakim al-Habib diminuíra o tom de voz e cobria discretamente os lábios com a mão, como se pudessem todos estar a ser ouvidos ou vigiados naquele preciso momento.

A tripulação também parecia não ter ficado muito à vontade com o diálogo.

Carolina reparou no comandante que controlava a roda do leme. Era um homem corpulento e de abdómen assaz dilatado a ponto de lhe deformar o abotoado da camisa. De sobrolho carregado e um cigarro esquecido ao canto da boca, nem sempre mantinha o olhar preso no mar à sua frente. Olhava com frequência para o relógio e virava o pescoço para trás outras tantas vezes, como se tivesse necessidade de avaliar o mar que ficava para trás. De vez em quando, passava a mão pela testa para a limpar da humidade da transpiração, deixando transparecer um nervosismo inquietante. O mar estava calmo, o tempo muito agradável, provavelmente o sujeito estaria preocupado com alguma outra coisa que não dizia respeito a nenhum dos turistas que transportava.

Indiferente, Carolina encolheu os ombros e levantou-se. Assim que captou a atenção de Hakim, numa mímica labial, perfeita e muito reservada, sussurrou as palavras «quarto de banho», descendo de seguida para o local por ele indicado. Os degraus davam para um pequeno vestíbulo apenas iluminado pela luz

natural proveniente da abertura para o convés, pelo que Carolina teve dificuldade em se adaptar àquela semiobscuridade.

Qual destas portas será a do quarto de banho?

Na dúvida, optou por aquela que a intuição lhe sugeria. Reparou na chave do lado de fora da fechadura e, sem hesitar, rodou-a, tendo a abertura da porta sido facilitada pela oscilação do barco, deixando-a completamente escancarada. Os breves minutos que se seguiram haveria Carolina de os rever mentalmente mais tarde, inúmeras e incansáveis vezes, com o propósito único de recuperar um detalhe ou uma qualquer sensação que porventura lhe pudesse ter passado despercebida.

Uma jovem árabe, sentada numa cama ao fundo do pequeno camarote, ergueu a cabeça com surpresa. No segundo imediato, antes mesmo que Carolina tivesse oportunidade de pedir desculpa pela intrusão e fechado a porta, já ela se encontrava junto a si, empurrando-a com desespero num esforço para abandonar o quarto. Esbracejava e falava aceleradamente, entrecortando o seu discurso com lamentos e suspiros. Apesar de Carolina não conseguir entender uma única palavra, facilmente percebeu no choramingar dela um misto de súplica e de sofrimento. A entoação da voz e o tom lamurioso que emprestava às palavras indicavam claramente que se encontrava ali contra a sua vontade. Desequilibrando-se com a investida que ela fez sobre si, Carolina acabou por recuar e pisar alguém que, entretanto, a agarrou por um braço e a puxou violentamente para fora da estreita entrada do camarote. Tratava-se de um dos tripulantes do barco em que o excesso de zelo se transformara numa atitude rude e quase desrespeitosa.

Entretanto, a jovem, que ainda se encontrava completamente debruçada sobre Carolina, esforçava-se por lhe passar algo para a palma da mão, fechando-a depois com veemência e dando-lhe a entender a ela que seria importante conservar fosse o que fosse que lá estivesse dentro. O gesto havia sido perpetrado de forma

discreta no auge da confusão, quando ambas se encontravam muito próximas, o que dificilmente teria sido percebido pelo marinheiro. Este era um indivíduo não muito alto e de complexão robusta, com a musculatura bem desenvolvida a prometer romper a camisa com um movimento mais brusco. Possuía uma testa larga, que avançava num couro cabeludo de cabelo fino e a rarear. Os olhos eram grandes e aparentemente desconfiados. Com completo domínio da situação, barrava a saída da mulher árabe com um braço enquanto com o outro puxava pela porta para a fechar. Simultaneamente gritava para a turista num inglês muito primário em que não havia sequer lugar para a conjugação dos verbos:

— Casa de banho não ser aqui, ser primeira porta. Senhora não poder estar aqui! Senhora ir embora!

— OK. Não se preocupe, já estou de saída — respondeu Carolina, afastando-se, mas prendendo o seu olhar nos olhos húmidos da outra mulher, quase menina. O olhar das duas cruzou-se. Um deles, desconhecedor e impotente, o outro suplicante e amedrontado. Desses olhares cresceram promessas e floresceram esperanças. As duas sentiram-se comunicar através de uma cumplicidade muda que, no fundo, todas as mulheres sabem possuir.

Ao entrar na casa de banho, Carolina ainda tremia de agitação. Assim que trancou a porta abriu a mão que havia conservado discretamente fechada. Não era mais do que um bilhete amarrotado escrito à mão em caracteres islâmicos. O que diria? Seria um pedido de socorro? Tratar-se-ia da filha ou de uma jovem esposa do capitão do barco, que estaria de castigo? Quem quer que fosse encontrava-se aferrolhada num camarote de porão, com um possante guarda-costas a barrar-lhe a fuga. Parecia mesmo uma intriga de um romance policial. Imbuída por esse espírito novelesco, apurou os ouvidos, procurando ouvir um grito, um choro ou algo mais que contribuísse para desvendar

o mistério. Mas nada, apenas um pesado silêncio embalado pelo roncar abafado do motor do barco.

Subiu até ao convés procurando aparentar um semblante descontraído como se o que presenciara não tivesse a mínima importância. Sentou-se no seu lugar e, disfarçadamente, guardou o bilhete na bolsa de dentro da sua mochila.

Pouco tempo depois, a embarcação parou o motor, devolvendo o silêncio à tranquilidade da paisagem. Hakim, com um sorriso estampado nos lábios, avisava o grupo que haviam chegado ao local elegido para mergulharem. Estavam a escassas centenas de metros da costa, e a transparência das águas prometia uma visão espetacular do fundo do mar, podendo-se admirar a dança colorida dos peixes e das algas por entre os corais. A tripulação trouxe umas caixas com o material necessário para o mergulho, e o guia apressou-se a distribuir as barbata-
nas de borracha e as viseiras de acordo com a compleição física de cada um. Um casal que trazia um equipamento fotográfico razoavelmente sofisticado foi dos primeiros a saltar para a água. Carolina deixou-se ficar para o fim. A cena da jovem mulher trancada no porão havia-a intrigado de sobremaneira, tendo passado então a observar tudo e todos de forma discreta. Não lhe escapava o semblante mais carregado do capitão do barco ou o tom agressivo com que dava as ordens. Como não entendia árabe era nestes pormenores que fixava a sua atenção, sentindo-se protagonizar o detetive Hercule Poirot num dos seus filmes de mistério.

Apesar de lhe terem assegurado de que a temperatura da água estaria boa, Carolina preferiu descer pelas escadas e ir molhando o corpo de forma gradual. Quando se encontrava a descer cuidadosamente as escadas, de costas para o mar, o mestre do barco apontou com o queixo para o guia enquanto esticava o braço na direção do grupo que se afastava para o *snorkeling*. Deduziu que lhe estaria a dizer que ele também deveria acompanhar

os turistas. Carolina fingiu sentir a água fria e assim demorar-se mais um pouco a observar a cena. Parecia que Hakim não queria mergulhar, pois sacudia a cabeça para os lados e protestava levantando o tom de voz. Por fim, visivelmente aborrecido, despiu-se e, enquanto atirava a roupa para o banco, disse em inglês:

— Este sujeito, lá por ser o dono do barco, pensa que pode mandar nos outros. Diz que quer aproveitar para lavar o convés e está a obrigar-me a sair. Ora, não é habitual o guia acompanhar o grupo de mergulhadores para dentro do mar. Acha a água fria? Sabe nadar, não sabe?

— Sim, sei nadar. Estava só a habituar-me à temperatura da água.

— Então aproveite a paisagem lá em baixo. São águas pouco profundas e hoje estão particularmente claras. Nade até àquela boia, que é onde está o grupo. Garanto-lhe que vai conseguir ver tudo com muita nitidez. Eu vou fazer um pouco de exercício e vou nadar até à costa. Se se cansar de ver os corais, vá ter comigo.

Hakim al-Habib não esperou pela resposta de Carolina e mergulhou.

No convés, o capitão perscrutava o horizonte virado para a proa da embarcação. Tinha uma mão em jeito de pala sobre os olhos, enquanto a outra encostava o telemóvel à orelha. Parecia preocupado e olhava para a vasta língua de mar que penetra no golfo de Aqaba.

Carolina considerou: *Ali, por onde entra o Mar Vermelho, já não é a Jordânia. É a Arábia Saudita deste lado da costa e o Egito do outro lado. O que procurará ele? Será que quis o guia fora da embarcação de propósito? Afinal não vejo preparativos nenhuns para lavarem o convés!*

Nesse preciso momento, como que alertado pela desconfiança do pensamento de Carolina, o capitão reparou que havia uma turista que ainda não tinha mergulhado permanecendo a meio das escadas. Com cara de poucos amigos, deu duas passadas

rápidas na direção de Carolina e, sem rodeios, gesticulou veementemente com o braço como se estivesse a enxotar um animal. Não foi necessário mais nada para que Carolina se atirasse de um salto para dentro de água.

Com braçadas firmes nadou até ao local onde flutuava uma boia sinalizadora e se viam alguns tubos de respiração a deambular pela superfície da água. Antes de mergulhar, pareceu-lhe ouvir o roncar de um motor e instintivamente olhou na direção do barco, que se encontrava a umas escassas centenas de metros. Tratava-se de uma lancha que se aproximava. Carolina ficou imediatamente alerta. Os últimos acontecimentos a bordo ocupavam-lhe ainda o pensamento, instigando-lhe a curiosidade.

Cautelosa, deixou-se estar por detrás da boia, mantendo apenas o nariz fora de água para poder observar tudo com discrição. A lancha havia agora parado junto às escadas que o capitão mantivera na água. Um dos marinheiros do barco amarrava a corda que o condutor da lancha lhe atirara, tentando imobilizar a embarcação. Dir-se-ia que alguém iria subir a bordo. Mas não! Carolina estremeceu quando reconheceu o vulto da jovem prisioneira no porão. Dois homens arrastavam-na pelo convés encaminhando-a a custo em direção às escadas. A jovem tentava resistir, cravando os pés no chão e inclinando o corpo para trás, mas sempre em vão. Trazia a cabeça coberta com um véu da mesma tonalidade verde do vestido. Carolina admirou-se por não a ouvir gritar. Talvez que a direção do vento não fosse a mais favorável ou, muito provavelmente, ter-lhe-iam amordaçado a boca. Um dos marinheiros, o mais franzino, desceu primeiro. Um outro, notoriamente musculado, afigurando-se como o que lhe barrara a passagem na cabine do porão, agarrou a mulher debaixo de um braço, como se de um simples embrulho se tratasse, e desceu as escadas apenas com a mão livre. O homem que havia descido primeiro segurava as pernas da rapariga que esperneavam e que, por um par de vezes, ainda lhe pontapearam

a cabeça. O condutor da lancha, impaciente, quase não aguardou que os marinheiros se sentassem e dominassem a jovem. Assim que lhe atiraram a corda que estabilizava a lancha junto ao barco grande, ele zarpou rapidamente para sul, no sentido da Arábia Saudita, tornando-se quase de imediato num ponto insignificante perdido na linha do horizonte.

Ainda atordoada com o que assistira, uma autêntica cena de ação digna de um dos filmes de James Bond, Carolina refletia:

Que mistério envolveria aquela jovem? Teria sido raptada? Algum casamento forçado arranjado pelos pais? Uma pessoa que se esforça tão afincadamente para fugir aos seus cárceres só poderá ter à sua espera um destino verdadeiramente desagradável.

Possivelmente, Carolina teria assistido a um sequestro, com a agravante de se encontrar num país estrangeiro com língua e costumes muito diferentes dos seus. Sentia-se nervosa com os acontecimentos. Respirou fundo e mergulhou para ver os corais. Queria descontrair e afastar a ansiedade dos últimos momentos. No início, o silêncio da água do mar ainda parecia ampliar-lhe as batidas fortes do coração, fazendo ecoar aquele batuque estrondoso por todo o seu corpo. No entanto, gradualmente, o espetáculo de cor dos corais e dos seus habitantes impôs-se, e Carolina deixou-se sucumbir pela beleza tranquilizante do fundo do mar. Não havia marinheiros sequestradores nem as preocupações da vida que deixara para trás, lá longe no seu país natal. Apenas a cor esfuziante dos corais, a dança ondulante das algas ao sabor da corrente e as incursões tímidas dos peixes naquele oásis salgado preenchiavam o universo de Carolina no momento.

2



Segredos de uns Olhos Tristes

O salão de jantar do hotel com os seus inúmeros arcos e as janelas em forma de ogiva revelavam todo o exotismo da arquitetura árabe. Nas paredes, painéis talhados em madeira com incrustações de marfim rivalizavam em requinte com luxuosas cortinas de seda. Intencionalmente, os acessórios decorativos existentes em tons de dourado conviviam harmoniosamente com os ocres e outras cores igualmente quentes, tudo banhado por uma iluminação suave e indireta, que permitia ao hóspede deleitar o olhar por todo o ambiente, sem se cansar a fixar nada em particular. Sem dúvida também o ar morno que se respirava, fortemente aromatizado pelas muitas especiarias da ementa, tornava-se num forte aliado na estimulação dos sentidos, algo nada negligenciável pelos árabes na criação dos seus ambientes de lazer e conforto. Carolina deixou-se

embeber pela excentricidade dessa atmosfera. Os últimos acontecimentos faziam-na esquecer o homem que lhe despedaçara o coração. Ainda não tinham passado 24 horas da sua chegada a Aqaba e Lisboa já lhe parecia uma cidade longínqua e do passado.

Discretamente, procurou Hakim al-Habib por entre os hóspedes que jantavam ou que ainda perfilavam junto à mesa do *buffet*, enchendo os seus pratos. Desde que haviam chegado do barco contratado para mergulharem e apreciarem o fundo do mar que não mais o vira. Na altura, Hakim havia pedido ao seu grupo para tomar um banho rápido, trocar de roupa e descer para jantar sem demoras, uma vez que os horários das refeições naquele hotel eram bastante rígidos.

Mas por que motivo haveria Hakim de jantar no hotel? Ele é apenas um guia que se encontra em trabalho, e o mais certo é ter ido comer a casa, no caso de morar perto, ou então, a um restaurante da cidade que certamente ficará mais barato.

De qualquer forma, parecia-lhe tê-lo ouvido comentar com um turista do grupo que estaria presente nessa noite no habitual espetáculo de entretenimento do hotel.

Sendo assim, significa que ainda terei oportunidade de falar com ele esta noite, deduziu, enquanto colocava a mão no bolso do vestido para se assegurar de que não havia perdido o papel amarrado entregue pela jovem prisioneira no barco.

Desejava veementemente poder fazer algo por ela. Não podia ficar de braços cruzados apesar do risco elevado que o caso parecia prometer. Teria de ser cautelosa e tratar do assunto com a máxima prudência e discrição. Daria o bilhete a ler a Hakim, mas não lhe revelaria de que forma o obtivera. De acordo com o conteúdo da mensagem, logo decidiria como proceder. Durante todo o jantar, o semblante desesperado da jovem de verde acompanhou-lhe os pensamentos. Esse olhar ansioso perseguia-a como se fosse incapaz de ter paz, enquanto não lhe prestasse auxílio. Eram uns olhos

verdes da cor do vestido. Eram uns olhos tristes e sofridos, dir-se-ia quase de menina apesar da maquilhagem.

A um canto da enorme sala de estar do hotel, num estrado adequado para o efeito, um indivíduo principiara a cantar, obviamente que em árabe, acompanhado pelos instrumentos de uma banda que se agrupara por detrás. A melodia, para além de suave, era hipnotizante e seguramente que a letra se referia a algum coração despedaçado por amor, a julgar pelo êxtase que se lia nos rostos das inúmeras fãs que quase galgavam o palco. Carolina acabara de se sentar num dos sofás mais isolados da sala, onde decorria o espetáculo.

— Chama-se Amr. Tem sido um sucesso ultimamente por estas bandas apesar de não ser jordano.

Carolina virou-se para o sujeito que acabara de se sentar a seu lado e que se dirigira a si em inglês. Sorriu apenas. Não se encontrava com disposição de travar conhecimento com estranhos. Todavia, o indivíduo voltou a insistir:

— Repare nos instrumentos. Aquilo ali parecido com uma viola, mas de fundo arredondado e com o braço mais curto, é um alaúde. É tipicamente árabe e foi o primeiro instrumento de cordas do mundo. Consegue acompanhar qualquer melodia. Chamo-me Omri Stern e tenho muito prazer em conhecê-la — acrescentou, enquanto lhe oferecia a mão para a cumprimentar.

Carolina devolveu o gesto, permitindo concomitantemente que a curiosidade feminina examinasse discretamente o seu novo interlocutor. Tratava-se de um autêntico cavalheiro, a julgar pelo fato claro impecavelmente vincado, os botões de punho e a deferência com que a cumprimentara, inclinando ligeiramente a cabeça. O cabelo quase todo branco conferia-lhe um ar de credibilidade, enquanto o seu olhar negro, acutilante e examinador, lhe acrescentava um cariz algo enigmático. De estatura mediana e entroncada, teria certamente mais idade que os 50 e poucos anos que aparentava.

— Boa noite. O meu nome é Carolina. Desculpe não lhe fazer companhia até ao final do *show*, mas tenho de ir tratar de uns assuntos ao *lobby* — ofereceu um sorriso largo em jeito de compensação, aproveitando oportunidade para se levantar e sair.

Hakim al-Habib não aparecera durante todo o serão e isso preocupava-a por estar a atrasar a questão do bilhete que recebera. Tratar-se-ia provavelmente de um pedido camuflado de socorro, não podendo, pois, deixar o assunto para muito mais tarde.

Vou pedir a um dos funcionários do hotel que me leia a mensagem. Talvez aquele moço atrás do balcão da receção que aparenta ser simpático e prestável.

Envergando o seu melhor sorriso, mostrou-lhe o pedaço de papel amarrotado.

— Não percebo árabe. Pode-me traduzir para inglês?

Gentilmente, o rapaz acenou afirmativamente com a cabeça, debruçando-se sobre os caracteres árabes. Examinou o texto em silêncio, mudando radicalmente a sua expressão logo na leitura das primeiras linhas. Quando terminou, uma ruga cravou-se-lhe na fronte e olhou, desconfiado, para Carolina:

— Desculpe, mas num caso destes tenho a obrigação de informar o meu superior. Volto já.

Carolina ainda balbuciou:

— Espere... — mas já não obteve resposta.

Passado pouco tempo, o diretor do hotel e mais dois assessores apresentaram-se, convidando Carolina a segui-los para um dos gabinetes reservados ao secretariado do hotel. Pediram-lhe de novo o bilhete, e todos fizeram questão de o ler. Partilhavam o mesmo semblante carregado, confirmando assim as piores suspeitas de Carolina.

— Onde encontrou esse papel?

— Já explico, diga-me primeiro o que lá está escrito. Estou bastante curiosa.

— Ouça, isto é um assunto muito sério e ultrapassa a minha competência. Vou ter de informar a polícia. Eles depois decidirão sobre o que deve, ou não, ficar a saber. Peço-lhe para aguardar aqui pela sua chegada. Não deverão tardar. Tem os seus documentos consigo? Se os guardou no cofre do quarto, vá buscá-los imediatamente.

Pouco depois, Carolina atravessava o átrio do hotel, seguida por um par de polícias fardados. Haviam-lhe pedido com deferência que os acompanhasse à esquadra, pois era precisa a identificação da tripulação do barco e ver algumas fotografias. Próximo do painel de Lawrence da Arábia, encontrava-se Omri Stern, de charuto na mão e rosto circunspecto. Fez um cumprimento discreto que Carolina retribuiu com um pálido sorriso. Era embaraçante sair acompanhada pela polícia. Onde estaria o guia justamente no momento em que precisava dele? Não tivera tempo de pedir o seu contacto na receção, o que a levava a sentir-se desorientada com o rumo dos acontecimentos. Não estava habituada a enfrentar por si só as adversidades que a vida lhe apresentava, pois sempre houvera alguém que tomava as decisões difíceis por si, orientando-a no seu percurso. Consequentemente, ninguém da família a levou a sério quando há poucos meses anunciara que havia aceitado um trabalho na Jordânia durante 12 meses. No entanto, são sábios os meandros que a vida tece, e havia chegado a hora de Carolina caminhar exclusivamente pelo seu pé e sem amparo. Desse modo, tal como se habituara a fazer sempre que necessitava de novo alento, respirou fundo, ergueu a cabeça e seguiu em frente, entrando já com mais determinação no carro da polícia.

O interrogatório prolongara-se por mais tempo do que Carolina inicialmente previra. Repetiam frequentemente o mesmo tipo de perguntas e obrigavam-na a dar as mesmas respostas outras tantas vezes. Supondo que talvez fosse por não entenderem algum vocábulo em inglês, Carolina mudou de estratégia,

procurando associar gestos a tudo quanto dizia. Houve inclusivamente ocasiões em que o gabinete, onde se prestavam as declarações, se tornou num verdadeiro palco de teatro amador. Carolina conseguira arrastar o oficial mais graduado até à porta e, perante o ar estupefacto dele, disse-lhe esforçando-se para manter um tom sério:

— O senhor é a jovem mulher de verde.

Nesse mesmo instante, olhou em redor, procurando encontrar algo que possuísse a mesma cor. Uma capa de argolas em cima da secretária servia na perfeição. Pegou na capa e colocou-a de encontro ao peito do oficial.

— Vestido verde... Mulher...

Explicava o melhor que conseguia, fazendo o gesto do peito grande e descendo com as mãos ao chão para exemplificar o comprimento do vestido.

A um canto da sala, um subalterno escondia o riso atrás de uma das mãos.

Estás a divertir-te? Pois então vais ser o próximo a entrar em cena.

Puxando-o pelas mãos, Carolina colocou-o do lado de fora da sala, junto à porta.

— O senhor é o marinheiro ... — informava, enquanto mostrava os seus bicípites e imitava trejeitos rudes.

Depois de atribuídos os papéis, teve início a aula de teatro propriamente dita em que não faltou o elemento-chave do enredo: a mensagem amarrotada. Bem-humorada e muito segura no seu papel de realizadora, Carolina ia exemplificando individualmente a ação das diferentes personagens. As risadas e o barulho invulgar acabaram por atrair os polícias que se encontravam àquela hora de serviço no edifício e, amontoados no corredor, também assistiram divertidos à peça improvisada.

Estava Carolina no auge dos seus dotes teatrais, exemplificando como a rapariga dos olhos verdes descera para o bote, quando

se ouviu um burburinho no corredor e os agentes se desviaram para dar passagem. Tratava-se de Hakim al-Habib que também tinha sido chamado para depor. Surpreendido com o que viu, baixou os olhos, algo embaraçado, e continuou o seu caminho.

Desconfortável, Carolina reduziu o ímpeto das suas demonstrações. Tomou consciência do exagero com que explicava o sucedido no barco. Afinal, encontrava-se num país que, apesar de mais aberto em termos de mentalidade, não deixava de ter enraizado costumes mais austeros, sobretudo em relação às mulheres. O avançado da hora e o facto de se encontrar só, rodeada por homens, não era abonatório para a integridade do seu carácter. Não num país árabe.

De certeza que Hakim não gostou do que viu. Porque é que quando quero causar boa impressão a alguém tudo me sai ao contrário? Com que juízo ficará ele de mim?

Terminado o relatório, o oficial agradeceu o contributo prestado por Carolina e, quando tomava as diligências para a levarem ao hotel, ela interrompeu-o com determinação:

— Desculpe, ninguém me chegou a dizer o que está escrito no bilhete. Não mo poderá ler?

O sujeito pousou o telefone da secretária onde estava sentado e, envergando um ar severo, retorquiu:

— Dir-lhe-ei apenas que a sua intuição estava correta. Tratava-se de uma juvenzinha que foi tirada de casa contra a sua vontade.

— Só isso?

— Ela também pedia para avisarem a polícia.

— Mais nada?

A desconfiança impregnada no rosto da estrangeira obrigou o polícia a esticar-se mais sobre a mesa de forma a aproximar-se. Talvez a atitude pretendesse ser intimidatória ou, no mínimo, reveladora de alguma confidência.

— Ouça. As nossas fronteiras fumegam com os estilhaços de bombas e granadas. A nossa população multiplicou-se com a

vinda dos refugiados sírios. Além do mais, os muçulmanos não são vistos com bons olhos no mundo ocidental à custa de más políticas e da guerrilha dos jiadistas. Temos imenso trabalho para gerir tudo isto, e é nosso dever mantermos a segurança do nosso país, ou de outra forma não estaríamos aqui, a esta hora, a resolver o seu pequeno drama. O que quer que a polícia jordana faça mais? A senhora é uma cidadã estrangeira que foi testemunha de uma situação delicada. Não tem direito a saber mais detalhes sobre esta investigação.

Pouco resignada, Carolina encolheu os ombros. Percebera que o comandante da polícia não lhe revelaria mais nenhum detalhe sobre a jovem dos olhos verdes. Certamente que a tristeza que manchava a beleza desses olhos seria resultado da desconfiança da irrevogabilidade do destino que se avizinhava. Supostamente, não havia mais nada que Carolina pudesse fazer pela jovem e foi remoendo esse sentimento de impotência que regressou ao hotel.

Mais tarde, já acomodada entre os lençóis, recordou uma pequena prece, que se habituara a repetir sempre que necessitava de alento numa situação semelhante:

— Deus me dê força para aceitar o que não se pode mudar. Coragem para mudar o que está ao meu alcance e inteligência para discernir entre as duas situações.

Um cântico monocórdico ecoou festivo, anunciando aos muçulmanos o despertar de mais um dia. Invariavelmente, logo quando os primeiros raios de Sol rasgam o céu, altifalantes nas torres das mesquitas reproduzem por todos os cantos das cidades as orações matinais. Ainda na cama, Carolina espreguiçou-se estranhando a ladainha cantada que a acordara. A luz ténue, que de mansinho se esgueirava por entre as cortinas, mostrou-lhe alguns pormenores do quarto: os abajures em latão dourado; a moldura do espelho cravejada de pequenas pedras; as tapeçarias e os almofadões sobre um sofá baixinho. A excentricidade da decoração fê-la tomar consciência de que se encontrava em

Aqaba e que ainda tinha alguns dias de férias antes de começar a trabalhar. Levantou-se de um salto, arranjou-se e foi tomar o pequeno-almoço no terraço do hotel.

O barulho de um tablet, pousado com brusquidão sobre a sua mesa, fê-la levantar os olhos da chávena do café. De pé, à sua frente, Omri Stern fitava-a sem o sorriso cordial com que se apresentara na véspera. Apontou para o tablet e interpelou-a:

— Veja se conhece essa pessoa.

Ao debruçar-se sobre o ecrã do tablet, Carolina susteve a respiração. Respondeu trémula:

— Sim... É a rapariga que eu ontem vi no barco. Sim, são os mesmos olhos verdes. Mas como é que sabe de toda esta história? Não entendo...

— Veja a foto que se segue. Vá, ande com isso para a frente.

— São tendas, muitas tendas...

— Sim, eu sei. Amplie a parte que tem um grupo de pessoas à frente das tendas. O que é que vê?

— A mesma miúda, os mesmos traços, mas talvez mais nova, uma adolescente. Continuo sem perceber..

— Jamilah al-Malak. Posso acompanhá-la no pequeno-almoço?

Sem esperar pela resposta levantou uma das mãos e estalou os dedos. No minuto imediato, a seu lado, um empregado fazia já uma vénia desmesurada disponibilizando os seus serviços.

— Jamilah al-Malak é o nome da jovem que viu ontem a ser transportada numa lancha para fora da Jordânia.

— Está muito bem informado. Ontem à noite, fui ao quartel da polícia dar o meu testemunho e não me pareceu que eles já tivessem toda esta informação.

— Claro que não! Eu ainda não lhes dei estes dados.

Respondendo ao olhar de incompreensão de Carolina, Stern tirou do bolso de dentro do casaco um cartão. Pousou-o ostensivamente em cima da mesa, fazendo-o deslizar com o dedo até

junto dela para que o pudesse ler. Para além de uma fotografia masculina pouco nítida e que identificaria o portador, lia-se: «MOSSAD».

Incrédula, mas sem perder o controlo, Carolina retorquiu inteligentemente com outra pergunta:

— E o que quererá um agente dos serviços secretos israelitas de mim? Por que razão me está a mostrar tudo isto?

— Apesar de já estar a considerar reformar-me dentro de alguns anos, continuo a passar informação relevante para a defesa de Israel. É importante ter um bom conhecimento daquilo que se passa em volta de um país para que se possam tomar as decisões mais acertadas. Ouça, sei que vai trabalhar na recuperação dos frescos de um dos castelos do deserto jordano, Amra, que é considerado património da humanidade pela UNESCO. Como vê, nada acontece nestas paragens que eu não saiba. O que eu pretendo é muito simples. Conto-lhe toda a história de Jamilah al-Malak, que tem muito mais implicações do que julga, e a Carolina, como forma de agradecimento, ou apenas porque percebe que o conhecimento da verdade é o principal motor no crescimento de um país e no estabelecimento da paz mundial, vai-me dando informações sobre o que eu lhe pedir. Não quero que ande a bisbilhotar a vida de ninguém nem com mexericos, apenas me responderá ao que eu lhe perguntar. Fará o seu trabalho habitual, viverá a sua vida como entender e, de vez em quando, receberá um telefonema meu ou, quem sabe, um convite meu para tomarmos um chá.

Antes que Carolina pudesse responder, Omri Stern fitou-a mais demoradamente como se estivesse selando com a honra do seu carácter o que lhe diria em seguida:

— Para além do mais, apesar deste país se encontrar em paz, as suas fronteiras são muito porosas em relação aos movimentos da guerrilha já instalada. São tempos demasiado perigosos para uma mulher ocidental que vai viver sozinha. A Carolina seria

um alvo excessivamente fácil. Se ainda não percebeu, estou-lhe a oferecer a minha proteção. Se tem dúvidas, telefone para a Embaixada de Portugal no Cairo, uma vez que não existe representação diplomática portuguesa na Jordânia e peça informações sobre a minha pessoa.

Carolina demorou ainda um tempo antes de responder. Os criados quase faziam fila para servirem Stern, sendo clara a deferência e respeito que nutriam por ele.

— No meu país, a isso chama-se fazer trabalho de espião.

— Cara Carolina, ponha os pés no chão, não estamos no tempo da Guerra Fria. A guerra que presenciamos é demasiado quente e com consequências que envolvem negativamente milhões de pessoas. Não vê a movimentação dos refugiados que fogem desesperados e sem condições, apenas para salvar a pele?

— Sim, não me importo de lhe dizer o que souber, desde que não tenha de correr riscos nem andar a perseguir pessoas para ver o que fazem ou para onde vão.

— Anda a ver demasiados filmes americanos. Já lhe disse que não é isso que pretendo. Como é? Apertamos as mãos?

Ainda atordoada pelo teor da conversa, Carolina estendeu-lhe a mão direita, que ele apertou com firmeza. No final, qual verdadeiro cavalheiro e mantendo a mão dela presa na sua por mais tempo do que seria previsível, Stern beijou-lha com extrema delicadeza. Pouco tempo depois, levantou-se e sugeriu a Carolina que o acompanhasse até à balaustrada da varanda.

O sol, àquela hora matinal, inundava a jorros a paisagem que se desenhava à frente do terraço do hotel. O Mar Vermelho, ignorando o seu apelido, tinha-se vestido de azul-índigo e mantinha-se acordado pela brisa que o agitava suavemente.

— Aquelas montanhas atrás do mar, mais para norte, pertencem a Israel. É a terra prometida aos judeus. É a minha pátria amada — observou orgulhoso sem descolar o olhar do horizonte.

— Vou-lhe então contar o que se passou com Jamilah al-Malak

e vai ficar a perceber como as coisas realmente funcionam por estes lados. Seja bem-vinda ao Médio Oriente, cara Carolina! — saudou ironicamente.

— Jamilah é uma jovem síria extremamente bonita, com uns olhos verdes invulgarmente belos. Numa jovem árabe, a beleza funciona muitas vezes como um passaporte para a felicidade, pois os pais conseguem-lhes os melhores casamentos e os maridos mais abastados.

— E isso traz felicidade? Casar com um noivo rico arranjado pelos pais?

— Sei perfeitamente onde quer chegar, mas essa maneira de pensar é demasiado ocidental e não funciona por estas bandas, sobretudo quando se tem de fugir da guerra, se passa fome e não se tem dinheiro para sair dos campos de refugiados. Um noivo rico é uma questão de sobrevivência. Manter-se vivo vem primeiro. A felicidade? Deve estar a brincar, Carolina, isso só depois de se fazer o luto desta guerra e acabar com esta miséria desumana.

Carolina baixou a cabeça. Estava acostumada a ver os horrores da guerra nos noticiários da televisão, mas tratava-se de uma realidade distante e fugaz, facilmente apagada pelo frenesim da sua atividade diária.

— Infelizmente, no caso de Jamilah, duvido que a beleza lhe tenha trazido algo de bom. Pertencia a al-Zaatari, um campo de refugiados sobrelotado a norte da Jordânia, muito próximo da fronteira síria e que chegava a receber cerca de duas mil pessoas por dia. Dos milhares de refugiados que ali vivem, a maior parte são crianças e adolescentes e, apesar das precárias condições, sentem-se agradecidos por terem conseguido fugir ao cenário da morte. Muitas jovencinhas, mesmo não sendo muçulmanas, preferem cobrir o corpo todo deixando apenas os olhos sob o véu para não chamarem a atenção. Assim, sentem-se mais respeitadas e protegidas das violações que são, infelizmente, muito frequentes.

AMOR SEM MUROS NEM FRONTEIRAS.



O final de uma longa relação amorosa deixa sempre marcas profundas. Desiludida com o casamento anterior, Carolina decide deixar tudo para trás e fugir em trabalho para a Jordânia. Acidentalmente, vê-se envolvida no obscuro mundo que envolve o casamento de menores e o tráfico de jovens adolescentes. A partir de um bilhete e de um pedido de socorro, é todo um cenário a que Carolina não consegue ficar indiferente e que pretende expor aos olhos do mundo.


Ainda a recuperar de uma dolorosa separação, o que Carolina mais deseja é manter-se afastada dos reboliços do coração, mas o exotismo e a excentricidade do Médio Oriente não lhe dão tréguas. Num cenário de uma beleza mística, a aventura, a sedução e a introspeção levam-na ao reencontro do seu verdadeiro eu e do seu maior propósito de vida. Carolina descobre como gerir todas as emoções aprisionadas dentro de si, aprendendo que somos todos iguais e que o amor não tem nacionalidade ou religião.

A *Noiva do Médio Oriente* é uma história emocionante em que as cicatrizes e consequências do conflito nesta zona levam-na a ambicionar a paz para todos sem exceção. Porque, afinal, como Carolina descobriu, na verdade, somos todos apenas um!



LEIA TAMBÉM,
DA MESMA AUTORA:



 <p>FAROL a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-668-841-7</p>  <p>9 789896 688417</p> <p>Espiritualidades</p>
---	--